

Entrevista 14

Entrevistado 1: Eu participei ano passado de uma reunião lá em Vitória

Entrevistador 1: do IPHAN?

Entrevistado 1: É.

Entrevistador 1: Provavelmente deve ter sido a reunião pra eles organizarem esse projeto... aí assim, nós somos a Espaço Cultura e estamos em parceria com a (inint 00:40) aqui de Vitória, aí foi a licitação e a gente venceu a licitação pra fazer o trabalho... aí... bom, a ideia do trabalho... o jeito que foi feito o projeto do IPHAN... primeiro a gente faz um mapeamento geral de todas tradições pomeranas e depois a gente define junto com o IPHAN e a comunidade, então assim, nós da equipe, a gente sugere alguma coisa... e a comunidade aceita ou não e o IPHAN concorda ou não pra gente poder ter um registro de algum patrimônio pomerano que seja... vai ser registrado da mesma que eles registraram as paneleiras, por exemplo, ou o acarajé da Bahia ou o samba do Rio... então, alguma tradição pomerana pra ser eleita... ou uma ou duas... aí depende do decorrer do trabalho... por enquanto, até agora, o que sinaliza mais é o casamento... porque mesmo nos lugares onde eles não acontecem mais, as pessoas com quem nós conversamos casaram no casamento tradicional, mesmo que tem algumas nuances de diferenciação, assim o brote com a linguça, às vezes faz o jantar... ah, não fez o quebra louça, mas fez...

Entrevistado 1: mesmo se tenha faltado algum item, né...

Entrevistador 1: é

Entrevistado 1: é, aí existem duas coisas: uma que a cultura é dinâmica, ela muda mesmo... vestido preto foi pra branco, não tem como ficar... a vida toda preto... e outra coisa que ele se afirma como pomerano, a partir do casamento também... porque o casamento pomerano não é só aquele ato em si... é toda aquela... é uma mês de preparação... e também tem a questão étnica 'com quem vou me casar?'... né, então... o casamento ideal, qual é? com o grupo... japonês casa com japonês, italiano com italiano... né, inclusive existe aqui, pessoas comentam... não vou atrás de comentário porque não é científico, mas que os italianos casam menos com os brasileiros do que os

pomeranos... os pomeranos casam até mais com os brasileiros – vamos dizer, que não é pomerano – do que os italianos... então, né... da minha parte eu concordo... o casamento é o acontecimento mais importante pra comunidade pomerana... não é festa de igreja, não é ir na igreja... tudo isso é importante, mas o povo que ele junta... vamo dizer assim... os laços que a gente... eh... faz a partir do casamento é muito grande... é um (inint 03:43) que seria um fato social total...

Entrevistador 1: e reafirma que aquela comunidade aceita aquele novo casal né? então quer dizer... eles são pomeranos e continuam sendo pomeranos... então isso é uma reafirmação de si

Entrevistado 1: da identidade... da identidade étnica e social, né... eh, eu tenho uma reflexão... do casamento pomerano aqui.. bem grande porque eu fiz “Arte Verbal Pomerana”, então tem ali a fala do convidador... depois a fala do quebra-louça

Entrevistador 1: ah...

Entrevistado 1: que tem muitos, né, não tem só aquele... eu recolhi e tratei de um... e também tenho o... a fala do convidador de enterro... que quase não tem mais, mas antigamente tinha... uma pessoa vai de casa em casa convidando pro enterro... ele já é diferente... que o convidador do casamento....

Entrevistador 1: olha, isso é a primeira vez que a gente vê... até uma das coisa que a gente percebeu é que o enterro tem um trato... é muito difícil abordar as pessoas sobre isso, a gente percebeu que não tinha jeito... que a gente ia, na verdade, deixar as pessoas muito tristes e não é essa ideia da nossa conversa... então lugar nenhum que a gente chegou e a pessoa começava a falar ‘ah e aí meu vô morreu’ e aí a gente que isso era uma coisa que ia começando a pesar a conversa e a gente tentava meio que... aí a gente mudava de assunto porque a gente percebeu que não tinha essa condição de falar sobre isso... assim, talvez tivesse se a gente fosse da família... mas assim, a gente de fora não... somos três pessoas de fora que vinham sempre na família de alguém...entendeu?

Entrevistado 1: ah, tem todo o ritual... a questão da morte... a morte é um capítulo à parte... à parte, assim, merece ser tratado... eh... como o casamento... por que?... tem todas as questão das cores que você usa no casamento que são essas cores vivas.... e o ritual... após o... todos aqueles rituais, a pessoa enlutada, geralmente ela usa cores mais

escuras... ela não usa aquelas cores mais brilhantes... vermelho... de forma alguma, então tem toda essa questão eh...

Entrevistador 1: pois é... a gente só conseguiu conversar sobre enterro com o pasto Nivaldo... lá de Santa Teresa... foi a única pessoa que a gente conseguiu, porque, na verdade, a gente tinha que conversar muito com os pastores, porque a gente... deu azar aqui... chegava em casa não tava, ou ele tava muito ocupado... então a gente coletou vários telefones... então a gente provavelmente vai ligar e tentar conversar porque aí é uma pessoa que tá como... de fora, né... porque ao mesmo tempo que ele tá envolvido no ritual, ele não perdeu o ente querido...

Entrevistado 1: é mas eu acho que se vocês fosse, assim minha opinião na minha área científica, porque eu conheço os dois lados... o pastor vai dar uma interpretação muito... racional e ao mesmo tempo não científica de fato... não científica... o pastor é aquela pessoa que tá ligada... ele tem um compromisso com a igreja dele.. com a evangelização, que não é daquela forma antiga... mas ele quer dar um recado, etc, etc... e ele, ele vai pregar que o que? que os grupos tem que ser... que os grupos tem que conformar um com o outro... que não pode ter briga, etc, etc... e a realidade não é assim... a pessoa tem raiva da outra... pode guardar raiva, pode xingar, pode esbravejar, pode xingar em nome de Deus... então a realidade é essa, e o pastor o que ele quer realmente fazer... ele quer harmonizar a sociedade... não é assim... ela vive em conflito... tem grupos sociais na sociedade... eles não querem enxergar isso... eles têm em mente uma sociedade i.de.al... que não existe... a mãe que vê o filho brigando aí tenta conciliar... na sociedade não dá pra fazer isso... então eles querem fazer isso... eles veem isso... eles sempre tão dizendo aquilo que os pomeranos têm que fazer, ele nunca tentam pensar e raciocinar... o que os pomeranos fazem, o que é a vida real deles... né... no casamento tem vários rituais que na morte também... do batismo... que vão contra os ensinamentos da igreja... e o pomerano não tá nem aí se isso vai contra o ensinamento da igreja... ele faz... por exemplo a (inint 09:28)... ele faz e o pastor quer criticar... então isso não é fonte confiável, eu vou dizer logo...

Entrevistador 1: é, não... é só um pedaço...

Entrevistado 1: eles são pessoas letradas, etc... que podem ajudar.. mas ele não é fonte de... eh... ele pode até olhar, ver, eh... contestar o fato, mas na hora de dar conta de

explicar o fato não dá... inclusive práticas mais dos pomeranos, por exemplo, tem uma coroa... de pentecostes que os pomeranos colocam dentro de casa... é uma coroa pra trazer o que... contra o mal olhado e pra proteger a casa de raios e fogo... e os pastores dão uma interpretação religiosa pra aquilo que não havia, que não existe... aquela coroa é pra proteger contra os raios... não é pra colocar dentro da igreja como eles tão fazendo agora... sabe? eles tão encampando a ideia pra colocar dentro da igreja 'olha aqui!' e aí as pessoas vão atrás daquilo que o pastor tá falando que não tem nada a ver com raiz pomerana... porque a igreja é uma construção que vem de fora...ela não é a construção do povo... ela é importante... pra qualquer povo... italiano, então, né... a igreja católica é muito importante ... só que depois a leitura que o povo faz é outra... ele vai a igreja, se a igreja é boa pra ele tudo bem... se não ele volta pra casa e faz a vida dele... então era isso.

Entrevistador 1: em relação ao enterro... até agora assim... por ser uma coisa delicada... provavelmente não vai ser... a gente não vai escolher o enterro... apesar dele ser... seria, na verdade, um trabalho excelente de etnografia... pra ce poder desenvolver e ir analisando e participar desse conjunto todo... pro IPHAN, como patrimônio, eu acho que vai ser mais complicado... apesar de que (inint 11:55)

Entrevistado 1: vai fazer o que?

Entrevistador 1: vou fazer um terror com o povo do IPHAN lá porque vai ser divertido

Entrevistado 1: ce não pode imaginar tudo que tem no enterro... até o caixão ele era... ele era desenhado... tinha desenho bonito, assim, né... ces foram num cemitério pomerano?

Entrevistador 1: a gente foi... a gente tem passado nas cidades e em todos os cemitérios...

Entrevistado 1: não mas oces não entendendo o que eu to falando...

Entrevistador 1: então não

Entrevistado 1: não, não... eu sei que ces passaram, mas tem u.m cemitério que vocês deveriam ir...

Entrevistador 1: onde que é?

Entrevistado 1: não é longe daqui... antes da pousada das águas...

Entrevistador 1: qual é o nome da comunidade?

Entrevistado 1:... .. perto do Rio das Pedras... é o seguinte... vocês tem tempo hoje à tarde? vocês vão ficar até hoje?

Entrevistador 1: a ideia na verdade a gente vai dormir aqui hoje e a ideia seria sair amanhã

Entrevistado 1: mas hoje à tarde a gente pode ir lá... não é longe

Entrevistador 1: a gente pode ir lá

Entrevistado 1: a gente sai... aqui em... eh... sobe aqui e aí vai em direção a (inint 13:15).. desce aí vai à esquerda e aí tem um cemitério que... por milagre, eu nunca vi um milagre, mas é que eu acompanho esse cemitério há muito tempo e eu já fiz muita foto, filmagens... eles fizeram uma... como é que vou chamar?... uma reforma... eles restauraram em parte o cemitério e aquelas cores bonitas foram lá retocaram aquilo, porque essa pintura em lápides e pintura de... ah... são homens que fazem pintura.. pintura... e mulheres mais é o bordado... outra coisa que dá pra abordar é isso... o bordado pomerano ou arte... a iconografia pomerana...

Entrevistador 1: uhum

Entrevistado 1: inclusive as pessoas estão vindo aqui já estão pegando as ideia... pessoas de fora... pessoas da área de *design* ... pegam ideias levam... não tá escrito que aquilo é pomerano

Entrevistador 1: é, mas isso não tem muito jeito

Entrevistado 1:é eu sei que não tem... porque fazem isso com indígena também

Entrevistador 1: ele fazem isso com todo mundo... em Sabará tem a palma barroca... eles fazem uma flor, umas rosas de latão e fazem um queimado dourado, que é uma mistura de ouro mesmo... que é pra por em altar, o negócio brilha... aí que que acontece... o povo vai lá, olha aquilo ali, compra uma palma daquela, vê como é que faz

e vai fazer em outro lugar... e chama de palma barroca de Sabará... é uma coisa que não tem jeito de segurar...

Entrevistado 1: pois é...mas como a gente é pomerano... ... aí sobre a questão do casamento... o que as pessoas mais falam sobre o casamento, não é isso? ... aí tem a tal da dança dos noivo

Entrevistador 1: é... isso é interessante... a gente, na verdade... vou ter que ter o aval do IPHAN, mas até agora a nossa equipe está ok em congruência com uma noiva de Barras Jatibocas que vai casar dia 31 de agosto... e ela falou que ia fazer o casamento tradicional e talvez existia a possibilidade dela não fazer o quebra louça... mas ela ia fazer o casamento tradicional... e aí ela aceitou que a gente participasse do casamento, então assim... eu já me ofereci como mão de ombra pra poder ajudar a fazer as comidas... he-he-he

Entrevistado 1: você vai ser como... ou copeira ou cozinheira

Entrevistador 1: o que eles me mandarem eu vou fazer, porque eu to lá de gaiato, né... aí a gente ofereceu o álbum de fotos... porque é um rapaza que trabalho pra gente no audiovisual, ele tira foto de casamento em Belo Horizonte e ele é especializado nisso... e ele é chamado pra fazer os casamentos mais chiques da cidade... o álbum dele é muito bonito, as fotos são muito bonitas...

Entrevistado 1: vocês conseguiram pegar o... a essência da questão, porque uma das coisas mais importantes no casamento pomerano são as fotos...

Entrevistador 1: exatamente

Entrevistado 1: ele nunca tirava foto à toa, assim, vamo dizer no dia a dia, na horta, sentado num banco... porque isso era muito caro, as foto vinha de fora... todas foto que ce pode notar por aí é um dia de domingo ou ele tá com visitação de parentes ou casamento... nunca confirmação, nunca aniversário, nunca batismo... não porque teve tabu, mas numa época eles só pegam a essência, num podia ficar gastando muito dinheiro... e também não tinha fotógrafo aqui...

Entrevistador 1: aham

Entrevistado 1: e eles faziam toda a... o negativo geralmente no vidro...

Entrevistador 1: e ficava com o negativo também?

Entrevistado 1: graças a isso que a gente conseguiu várias fotos antigas... recuperar... o negativo ficou bem guardado...

Entrevistador 1: aí a gente fez essa proposta... aí eu falei com ela que na semana que vem eu ia conversar com ela... a Luana Qüerst e o rapaz é o Rafael (inint 18:33)

Entrevistado 1: (inint 18:32)?

Entrevistador 1: não sei...

Entrevistado 1: (inint 18:34) com t- i - n

Entrevistador 1: t-i-n? eh... eu não sei... mas aí a gente ficou de conversar pra acertar isso... mas eu preciso de acertar isso com o IPHAN... por causa do nosso prazo do projeto... e aí eu dependo de noivos para que eu faça um registro dentro dum casamento... isso é o que o IPHAN (inint 18:58) as coisas não são assim... vamo ver se o IPHAN vai ter sensibilidade... aí eu vou ter atraso de entrega... porque como é que eu vou achar outro casamento?... e a moça ficou toda animadinha

Entrevistado 1: deixa eu só mostrar uma coisa aqui... ... agora cada casamento normalmente ele não acontece... aquele ritual de A a Z

Entrevistador 1: é, não tem como também... até porque você tem influências diferentes...

Entrevistado 1: o número de pessoas é diferente

Entrevistado 2: o local

Entrevistado 1: o local, antigamente casamento não tinha esse negócio de mil pessoas... tinha talvez cem pessoas... máximo... e não...

Entrevistador 1: é, o casamento gigante ele tem 300 famílias, né?

Entrevistado 1: é (inint 20:07) famílias

Entrevistado 2: dá mais de mil pessoas... 3 pessoas por família

Entrevistado 1: então não dá pra comprar por exemplo bebida pra todo mundo... cerveja pra todo mundo... por isso que as pessoas tem que pagar... então, eles querem fazer uma coisa muito grande aí o pessoal fala assim ‘poxa o casamento pomerano tem que pagar’... não faz uma leitura... faz uma leitura superficial... eu tenho algumas fotos aqui... se vocês quiserem... eh... da minha tese ainda... essa foto é um pouco antiga...

Entrevistador 1: olha que interessante o cartão de batismo...

Entrevistado 1: é. esse cartão de batismo inclusive é do meu finado pai... essa foto aqui, so pra vocês saberem, essa aqui é minha irmã Tarcisa...

Entrevistador 1: ah...

Entrevistado 1: isso é confirmação... então no final batismo e aí

Entrevistador 1: ah foi lá em Palmeira... a gente foi lá também... lá a gente conversou com o pastor Lorival...

Entrevistado 1: esse aí... essa terra é um retiro de confirmando que seria pra primeira comunhão, né... eles tão fazendo um retiro... ficam lá dois, três dias... já é mais moderno... isso aí é Rondônia, trabalhei em Rondônia três anos... com pomerano e com indígena também... isso aí é cozinhando o caldeirão de porco, né... migração que teve daqui pra lá... na década de 70 e 80...

Entrevistador 1: isso deve ser mandioca?

Entrevistado 1: não, não... olha lá... são vários alimentos... abóbora, inhame, mandioca dificilmente...

Entrevistador 1: e issa aí é aquela questão de dar pra uma semana de alimento de porco?

Entrevistado 1: quase... não chega a ser uma semana... isso aqui era (inint 22:13 – 22:22) que é o brote pomerano né...

Entrevistador 1: que é muito bom (rsrs)

Entrevistado 1: várias pessoas (inint 22:31) fazer manteira... bem antigamente...

Entrevistador 1: olha... que delícia...

Entrevistado 1: isso aqui era de madeira né... e agora hoje em dia pra facilitar ce pega um gomo de bambu que faz o mesmo efeito... eu pra mim é a melhor manteiga do mundo feita aí dentro... ela batida aí e ...e... fica uma manteiga muito boa... isso aí é Rondônia também... a preparação pro... pro...pra (inint 23:00)... também é Rondônia...

Entrevistador 1: olha, um caquitu (?)

Entrevistado 1: é um filhotinho de caquitu... ..

Entrevistador 1: e eles usam como porco?

Entrevistado 1: não é que isso aí foi fruto do acaso... a gente foi na floresta caçar, matou a mãe aí pega o filhotinho... (inint 23:28) na década de 80 não tinha como... isso aí...

Entrevistador 1: gurpião

Entrevistado 1: é... que é aquela serra de braço, né... e... é em Rondônia também... eram pessoas que não tinham nenhuma ferramenta... isso é um baú antigo

Entrevistador 1: nossa que beleza... isso é que o senhor falou que é pintado pelos homens?

Entrevistado 1: esse baú ele totalmente feito pelos homens... (inint 24:17) ele não tem pregos, geralmente... esse baú foi lavrado em 1955 (inint 24:22) e foi levado então... uma família mudou de (inint 24:30) pra Rondônia... ela se casou em 55, ganhou isso dos pais dela, levou pra Rondônia e eu tirei a foto em Rondônia... sou muito amigo dessa família... então isso aí iconografia, eu misturei com artesanato, que lá era... isso é ocasamento da imrã da minha avó

Entrevistador 1: ah, essa não é a noiva?

Entrevistado 1: não, não... eu estou falando errado... .. (inint 24:14) essa daqui, oh, de preto...

Entrevistador 1: o legal é que ela ta sentada de lado a cavalo

Entrevistado 1:essa foto eu tive que restaurar um pouquinho... é o filhão, que é a sela feminina

Entrevistador 1: eles falam que essa sela de lado é totalmente desconfortável

Entrevistado 1: é claro... esse nome pra sela feminina, eu custei a encontrar... eu coloquei no meu dicionário... filhão... esse casamento, então, é aqui em Santa Maria (inint 26:23) da minha tia... coloquei foto da família pra facilitar... né e tudo mais... minha tia... tá vendo eles casando de bota?

Entrevistador 1: olha...

Entrevistado 1: então bota não exclusividade de gaúcho era a moda da época

Entrevistador 1: 1925?

Entrevistado 1: 1925.

Entrevistador 1: Pois é... na verdade os coroneis todos tão de bota... toda foto de coronel que ce vai ver ... coronel tá guarda nacional né... eles vão tá de branco com a bota... fazendeiro importante: de branco com a bota... então, assim, a bota é chique... (acha graça)

Entrevistador 2: e era uma família relativamente importante aqui na região?

Entrevistado 1: quem?

Entrevistador 1: a sua família?

Entrevistado 1: não, todo pomerano tinha bota... as pessoas tinham acesso a comprar bota... não era uma coisa... super cara...

Entrevistador 1: ou tinha o sapateiro aqui mesmo e aí fazia pra comunidade?

Entrevistado 1: assim, os pomeranos vieram e, a grosso modo, eles eram agricultores... e tinham outras profissões... tinham o (inint 27:35) que eles chamavam... o sapateiro... e não eles não eram ricos não...

Entrevistador 1: como é que escreve sapateiro?

Entrevistado 1: s-c-h-a-u-s-t-e-r

Entrevistador 1: o que que diferenciava uma família de posses de uma família de menos poder aquisitivo? um casamento melhor, ou uma casa maior, ou um cavalo?

Entrevistado 1: talvez a montaria um pouco melhor... na verdade essa diferença começou mais de 70,80 pra cá... os pomeranos no começo eram todos iguais... todos chegaram aqui... eu tenho um livro pra publicar e isso eu coloquei... os pomeranos não ganharam um palmo de terra... eles compraram... e tem documentação... a propagando da época era enganosa... dizia que eles ganharam...e as pessoas dizem por aí os imigrantes ganharam a terra... eles não ganharam a terra, eles tiveram que trabalhar e depois de quatro anos se eles não saldasse a dívida, ela retomava...

Entrevistador 1: e teve gente que não conseguiu saldar?

Entrevistado 1: teve muita gente que não conseguiu... aí teve essa questão com terra, sem terra... aí vai morar de (inint 29:13) na terra do outro... e muitas pessoas, então, mais tarde mudaram pra Rondônia ... eles não foram pra passear... eles foram porque tava precisando.... e também é assim, pros pomeranos, os pais têm que dar terra... pelo menos pro rapaz... a moça ganhava outras posse... claro que essa moça, assim... ce ganhou de casa um baú, uma vaca, então ce vai tentar casar com um rapaz de posses... isso é lógico, ce vai tentar complementar... né, então, eu só to explicando (rsrs) a lógica que tá atrás do fato do homem ganhar a terra e a mulher não... a lógica, porque se era errado... hoje nós temos outras palavras pra isso... mas na época era isso... e tem até história que diz assim... com certeza essa questão doo homem ter posses, isso é importante pra... pro casamento de qualquer sociedade... e a riqueza é importante... riqueza põe mesa sim... a religião diz que não, mas as pessoas dizem que sim.. porque não é que elas dizem que sim... na prática é assim.

Entrevistador 1: elas sentem isso, né?

Entrevistado 1: isso... e eu acho que... ce tem que viver... tem que ter direito... isso aí, esse casamento aqui...a noiva tinha vestido preto, fita verde e... alguma coisa na cabeça... podia ser de laranja... eles definiam...

Entrevistador 1: e aí tirava dela e colocava nele?

Entrevistado 1: ele tinha também ... ele tinha...

Entrevistador 1: a gente ouviu isso... que tirava da cabeça da noiva e colocava no casaco...

Entrevistado 1: é que a gente não dá conta... de tanta... variações, né... cada lugar é de um jeito... e daqui saíram, é interessante que o quebra-louça... uma época ele quase sumiu... depois ele começou... e aqui, por exemplo, a (inint 31:40) não é que tem diferença... são os mesmos pomeranos... lá eles guardaram aqui eles não guardaram... mas o bom é que por exemplo... eu ando daqui até pro norte, até Vilão Pavão.... então a gente consegue ver a questão de cada município...

Entrevistador 1: na terra quente parece que se guardou menos?

Entrevistado 1: se guardou menos porque lá eles viveram... o número deles é menor também... e aqui não é (inint 32:12)... o número dos pomeranos aqui é muito grande... é o maior número das pessoas ... então era isso... agora a explicação do noiva de preto tem num site... num artigo pequeno que eu fiz... se quiser anotar é... faculdade da região serrana... espírito santo... artigos... aí tem meu nome... vocês não chegaram a ganhar um calendário...

Entrevistador 1: eu ganhei no ano passado...

Entrevistado 1: ah tá...

Entrevistador 1: que a gente teve aqui rapidamente no ano passado... então foi em novembro... aí meu tio ainda tava na secretaria, aí ele deu um pra cada uma de nós...

Entrevistado 1: então tá bom... (inint 23:16) tem mais sobre a iconografia, fala alguma coisa sobre quem são os pomeranos... isso é o convidador... mas é isso aí... o convidador é isso... esses laços, o chapéu, a garrafa, né... que a pessoa toma o gole em sinal de aceitação... que aceitou... aceite do convite... tipo assim, eu vou na sua casa te convido pro casamento, você aceita se quiser... você diz 'eu não vou' você não toma e se homem não tiver em casa, a mulher toma também... se o marido não tiver em casa, ela guarda um pouquinho dessa cachaça e dá pra ele também...

Entrevistador 1: a gente teve a sorte de pegar os noivos convidando em Alto Jatiboca... aí tinha a garrafa... tinha as fitas...

Entrevistado 1: ah esse aqui é o lenço que ele coloca...

Entrevistador 1: uhum... e ainda tem essa questão de que a família visitada coloca um lenço, ainda hoje?

Entrevistado 1: eh... a gente não sabe do geral, mas costuma... é a...a... isso aqui é uma casa que eu tirei acho que foi... 2000 por aí...

Entrevistador 1: que é onde guarda os presentes.

Entrevistado 1: guarda os presentes.... isso aqui é a garrafinha... isso é sala de estar, no caso é a casa nupcial... cozinha...

Entrevistador 1: a gente chegou na sexta feira eles tavam arrumando as coisas do casamento que ia ser no dia seguinte...

Entrevistado 1: (inint 35:04)

Entrevistador 1: isso, exatamente... aí eu fiquei lá tirando foto da senhora...

Entrevistado 1: logo pede um avental... porque você vai ser... tod mundo sabe quem é quem no casamento, porque... por causa dos arranjos mesmo... a fita... a fita mostra quem é você... então, pobres mortais quando dança com a noiva ganha uma fitinha de nada... agora, as pessoas que são convidadas pro casamento... desculpe dizer, você se convidou, então tudo bem... você não é conhecida... assim, a gente conforme o grupo conforme o grupo de onde a gente está... a gente não é parente, não é conhecido, não é problema... mas também você ganha... tem aquelas fitas mais elaboradas quem ganha são os... primeiro lugar, os pais dos noivos... os... testemunha de casamento, os padrinhos... e aí vão...a cozinheira... copeiro, copeira...

Entrevistador 1: que ganha uma bandeirinha?

Entrevistado 1: também, também... e os pobres mortais... são os gerais que ganham a fita bem pequena... as mulheres não ganham fita... só homens que ganham, no caso

Entrevistador 1: eu ia gostar de ser cozinheira para aprender a fazer as comidas...

Entrevistado 1: matando galinha... galinha não pode faltar no casamento, não existe casamento sem galinha...

Entrevistador 1: agora (inint 36:46) tem diferença de um lugar pra outro?

Entrevistado 1: tem... a gengibeer...gente.bi.rra... em português é gengibirra(?)... em pomerano é (inint 36:56) que é a cerveja de gengibre...e é conhecida na Europa inteira... a fórmula dela, antiga, é com fermento... ela fermenta como cerveja... e hoje em dia, eles pegam pra fazer mais fácil pegam um suco e põe cachaça no meio... fica com o gosto horrível... a gengibeer, de fato é uma cerveja com baixo teor alcoólico...

Entrevistador 1: então que que faz? como que é a receita?

Entrevistado 1: se eu soubesse....

Entrevistador 1: porque teve uma senhora que explicou pra gente

Entrevistado 1:o ingrediente básico é... você rala o gengibre, o suco de gengibre, com um pouco de água... esquento aquilo e deixa esfriar e põe fermento caseiro... de pão caseiro...

Entrevistador 1: de fubá...

Entrevistado 1: uhum...como é que se sabe?

Entrevistador 1: (rsrs)

Entrevistado 1: e é muito parecido com a com o (inint 38:17) só que eu não sei assim... eu só falei, porque isso não é segredo de estado...

Entrevistador 1: na verdade que que acontece?... já é uma paranoia minha... toda vez que tem uma comida uma bebida... eu tento fazer... então eu fiz uma vez o registro do pastel de farinha de milho de Pouso Alegre, Minas Gerais. Pastel de farinhad e milho é feito com farinha de ju e polvilho... lá fui eu aprender a fazer o paster (rsrs)... a mesma coisa que fiz com a queca de Nova Lima... aí é um bolo inglês mesmo... tem uma receita do século XIX, que é de 1840, que é muito parecida com a que eles fazem hoje... a diferença é a fruta cristalizada e a castanha, porque aqui é mais chique castanha e lá era mais chique fruta cristalizada... então a diferença é só essa... mas eu fiz quatro receitas... ocupei a cozinha na casa inteira... super legal

Entrevistado 1: então você vai gostar do casamento... o casamento é muito bom o seguinte... uma coisa que tem que notar, o casamento são três dias... eu vou falar em pomerano (inint 39:57) ou seja... o dia anterior ao casamento, o dia do casamento e o dia posterior ao casamento... eh... o primeiro dia então... seria mais o quebra louça... acontece o quebra louça à noite e o pessoal vai dormir cedo, 10 horas no máximo... porque o casamento é só no outro dia...então na se bebe muito nesse primeiro dia não... o segundo dia que é o dia do casamento... aí sim, né...aí é o dia de muita festa... e o terceiro é o dia que participam as... as pessoas mais íntimas...que são os copeiros... porque os copeiros quando você convida um copeiro, geralmente é uma pessoa da zona rural, que conhece, que você não vai explicar pra ele como que faz... isso que eu te falei... ficar atenta como pesquisadora... eles vão adorar, com certeza... todo povo gosta de passar... não é assim que pomerano não gosta de passar as coisas e faz cara feia... tem pessoas assim, mas o geral não é assim

Entrevistador 1: mas a gente foi super bem recebido em todos os lugares... e assim, foi uma coisa muito, muito, muito gratificante... em todos os lugares a gente começava a conversar e a aí a hora que a gente via tinha passado a tarde toda... e aí o povo falava não, não vai embora não

Entrevistado 1: são bem humorados... já notei que a língua, ela é... ela tem uma sutileza de coisas engraçadas... de brincadeiras... ela é um jogo, né? (rsrs) então o cara joga com o outro he-he-he... todo povo teve assunto tabu...

Entrevistador 1: exatamente... por isso que a gente teve dificuldade de abordar... eu acho que não vamos abordar isso de forma alguma...porque é mais do que... a gente vai acabar trazendo uma memória desagradável...

Entrevistado 1: e sabe por que também? tem algumas famílias que tem histórico, histórico não... que tem suicidas... então o pomerano se mata, o pomerano bebe... o mundo todo se mata, o mundo todo bebe... eu morei no Rio de Janeiro... 24 horas tem gente bebendo... então o pomerano não tem que pagar pato de nada...

Entrevistador 1: se você for em Belo Horizonte, então... o povo do Rio de Janeiro acho que a gente bebe muito

Entrevistado 1: pois é... isso aqui são os miúdos... na quinta feira que é o dia do quebra louça... então já cozinha as coisas separadas... à noite então tem a tal da sopa... sopão né... de pé de galinha... por isso que chama 'vamo lá no pé de galinha'... quem não sabe, né...

Entrevistador 1: e o que tem de verdura?

Entrevistado 1: não tem nada... só tem tubérculo... cará, pode ser mandioca... mas não verdura....

Entrevistador 1: então é uma sopa de mandioca, de cará, mas com mais carne do que legume?

Entrevistado 1: é... carne de boi, pedaços grandes... até um pedaço assim.. galinha, boi, mas não porco

Entrevistador 1: e ela é rala... é grossa...

Entrevistado 1: depende, porque se for de macarrão, então ela vai ser mais grossa... e tem o caldo no meio... então você pega o que quiser...

Entrevistador 1: mas tem caldo?

Entrevistado 1: o caldo... o que o pomerano faz é geralmente cebola, alguma coisa assim, ele é mais ralo... que tem gente que não o suficiente... aí põe farinha de trigo...

Entrevistador 1: é um caldo mesmo...

Entrevistado 1: então ele faz cada coisa separada... mas eu vou dizer logo pra você, essas latas elas são higienizadas... guarda o ano todo pra isso... porque não vai ter panela pra tudo isso não... isso é o quebra louça em Laranja da Terra...

Entrevistador 1: massa essa foto... pegou a louça voando... e tem uma hierarquia? começa pela caneca, prato...?

Entrevistado 1: não. aí aqui é o seguinte... é ela que começa...

Entrevistador 1: é a cozinheira chefe?

Entrevistado 1: não, não... a oficiante do quebra louça, que é uma mulher que geralmente já tem filhos, que é avó... que é super cozinheira, que entende, que é oradora.... que tem o dom da fala... dom, não... mas aí ela... todo mundo sabe que ela faz isso... pode ser uma tia, pode ser... então a avó é uma mulher que tem toda a experiência nessa área...

Entrevistador 1: e pode ser alguém de fora da família?

Entrevistado 1: pode, mas é pomerana... porque ela vai falar em pomerano

Entrevistador 1: e é em pomerano ou alemão?

Entrevistado 1: olha, tem lugares que eles fazem em alemão... mas ninguém nunca entendeu, ninguém entende... porque o alemão foi uma língua imposta pelos pastores... não é a língua dos pomeranos... o pomerano é uma língua da mesma família do alemão, assim como o inglês também... mas é uma outra língua... inclusive o pomerano... a língua pomera não deve nada ao alemão... assim, isso eu comprovei na tese, etc... se o ce for pegar assim...os pomeranos tem outra... ela tem outra (inint 45:56)... eh... tem a confusão de chamar pomerano de alemão porque o Estado brasileiro, quando os pomeranos chegaram, as autoridades brasileiras chamavam os pomeranos de alemães... mas chamavam também os holandeses de alemão...todo mundo é Alemão... não é... Alemanha é uma coisa e ...

Entrevistador 1: você teria essa... aquela fala do quebra louça?

Entrevistado 1: tenho, mas isso aí depende pra quando você pode... você pode pegar isso na minha tese...

Entrevistador 1: como é que eu tenho acesso a sua tese? onde que tá?

Entrevistado 1: aqui na faculdade de região serrana... em Santa Maria mesmo... mas você queria isso a longo prazo?

Entrevistador 1: é porque assim

Entrevistado 1: eu vou disponibilizar isso em... eu não disponibilizei isso ainda em... em... CD...

Entrevistador 1: e como é que chama?

Entrevistado 1: “da sala de estar à sala de baile: um estudo etnolinguístico de comunidades pomeranas” UFRJ

Entrevistador 1: e a gente não encontra no portal da CAPES?

Entrevistado 1: não... naquela época não era obrigado...

Entrevistador 1: é no Rio?

Entrevistado 1: Rio.

Entrevistador 1: então tem lá.

Entrevistado 1: no Rio tem...

Entrevistador 1: é porque pra gente é mais fácil... tem um moço que tá fazendo o pós doutorado lá... ele tem um livro que ele lançou recente que fala sobre a folia de reis

Entrevistado 1: ah... ela que joga a primeira louça e as copeiras levam louça junto... pra ajudar... e pode ser louça, pode ser... algumas levam cuias também... porque o interessante é o barulho... tem que ser a louça de...

Entrevistador 1: (inint 48:50)

Entrevistado 1: ah... tem que ter o barulho... quebra louça em pomerano chama-se (inint 48:59) que é a noite do barulho... e esse barulho é pra afugentar todo o mau olhado, tudo que é negativo e que possa impedir no futuro a vida do casal...

Entrevistador 1: então por isso que não pode faltar fogos de artifício dia nenhum?

Entrevistado 1: nem pensar... nem a carne de galinha, porque a carne de galinha também ela espanta com o carcarejar nela... se você perguntar isso pra nativo, ele não vai responder, porque ele vive...

Entrevistador 1: ele não percebe... não estranha...

Entrevistado 1: não é igual a noiva de preto... tem mil versões... cada um fala uma coisa... eu tentei fazer... eh... mostrar uma coisa mais científica... isso aqui então já mais no final...

Entrevistador 1: aí então é tentando juntar...

Entrevistado 1: por que o noivo e a noiva? porque ambos vão dirigir a casa... dentro do casamento existe toda uma espécie de quem vai dirigir a casa... então, tem momentos, vamos dizer que tá claro... 'quem vai (inint 50:08)primeiro'... tudo isso age dentro do casamento... são: quem vai morrer primeiro, quem vai(inint 50:15)... então nesse momento eles mostram quem vai (inint 50:20)... os dois, é o homem.... são os dois... em algum momento a mulher fala assim, quando ela entra na igreja... 'eu piso sobre cominho e não sei o que quando eu falar, você se cala'... mulher, né... 'quando eu falar você se cala'... já tá naquele momento mostrando o jogo...

Entrevistador 1: e isso acontece no momento do casamento?

Entrevistado 1: durante o casamento... então, em alguns lugares acontecem outros não... você não vai conseguir ver se ela fala...

Entrevistador 1: e aconteceu uma diferenciação muito grande entre

Entrevistado 1: aí você, oh... você vai ser copeira ou cozinheira... o chefe da cozinha é o homem sempre, viu... é o cozinheiro... nem me pergunta porque... às vezes é uma mulher, às vezes é um homem...

Entrevistador 1: e o casal que é consultado?

Entrevistado 1: isso tudo depende muito

Entrevistador 1: mas tem mulher também, né?

Entrevistado 1: tem... geralmente o homem cuida do pão também... o homem ele sabe fazer pão muito bem também...então não tem esse negócio... aí tá vendo... os jovens cuidando... é o seguinte... da sua casa, nós fomos convidados, até o casamento... tem um percurso... então quanto mais perto tá do local, da casa da noiva, que é geralmente na casa da noiva... tem sinalizadores... o casamento é por aqui, o casamento é por aqui,

tal... isso aqui é um deles...que é esse (inint 52:25) então... os homens tão ornamentando aí...

Entrevistador 1: e o outro é o mastro, né?

Entrevistado 1: o mastro é no terreiro... onde é a festa de casamento... geralmente... é pois é... o pai da noiva, tradicionalmente tem que arcar com o casamento.. por isso que o homem ganha terra...

Entrevistador 1: e essa questão da garrafinha no alto do mastro?

Entrevistado 1: qual garrafinha?

Entrevistador 1: que eles derrubam à bala?

Entrevistado 1: a garrafinha ela é... a bandeira tá aqui, né... pra bandeira não enrolar... ela tem que ter um peso... aí no final eles fazem um tira a alvo...

Entrevistador 1: quem falou isso pra gente foi aquele senhor lá de... esqueci o nome dele... seu Alfredo

Entrevistador 2: Adolfo

Entrevistador 1: não, não... foi aquele que a gente chegou... esqueci o nome do lugar... ele falou desse negócio da garrafa...

Entrevistado 1: lá dentro tem dinheiro

Entrevistador 1: o que era avô do Júnior... lembra dele?

Entrevistador 1: uhum, uhum

Entrevistado 1: isso é Rondônia... isso é aqui em Santa Teresa

Entrevistador 1: a concertina a gente encontra também muito em Santa Teresa com os italianos

Entrevistado 1:concertina era um instrumento da Europa

Entrevistador 1: e os alemães também tem muito aqui ou a gente só percebe entre os pomeranos e italianos

Entrevistado 1: só imigrantes pomeranos e italianos... você não ver concertina, por exemplo... essa aqui os poloneses não trouxeram não... isso é Europa ocidental...

Entrevistador 1: e eles não fazem...

Entrevistado 1: não, nós nunca fez... então foi vindo de fora... da Europa... depois da concertina veio (inint 56:55) que é um instrumento que tem muito no sul... essas músicas que a gente vê de vez em quando... porque bandone e a concertina eles têm teclado de botões... não é sanfona... sanfona é qualquer coisa que tenha fole pregueado... sanfona não tem uma... e aí tem concertina, acordeão...oito baixos

Entrevistador 1: e aí... a gente tem essa característica forte de que a concertina tem que tá na festa

Entrevistado 1: tem que tá, não existe... tem que ter baile... por isso que não se faz casamento na quaresma... porque quaresma não é pra dançar... e... nem na época... aqui, por exemplo, nós temo aqui pra cima... tipo uma pousada... um sítio onde tem um campo de futebol e ao lado tem um salão de baile... os donos da terra alugam prum senhor aí... conhecido... esse senhor praticamente todo final de semana oferece um divertimento... ou futebol, ou casamento... então a senhora da casa faleceu... porntato ficou um ano sem casamento, sem festa nenhuma... que aí é o período de luto... eu fui lá.. eu conheci muito bem o senhor... e ele fazia quebra louça... e isso não existe... é a mulher que fazia quebra louça... e como que ele fazia quebra louça?... isso tem que ser de mulher... (acha graça)

Entrevistador 1: olha só! (rsrs)

Entrevistado 1: um senhor... um vovô, né... uma sociedade patriarcal, patrilinear... naquele momento ele fazia o papel de... ele não podia ser homem, porque isso era papel de mulher

Entrevistador 1: mas o vestir-se era um avental ou era realmente paramentar vestido...? que diferente...

Entrevistado 1: é difícil... eu coloquei isso... que o oficiante quebra louça é a mulher... aí eu coloquei a exceção, né... aí uma vez um homem fez vestido de mulher... e ele fazia muito bem... explicou... até o mito de origem do quebra louça... porque que o quebra louça existiu

Entrevistador 1: e qual que é o mito de origem?

Entrevistado 1: eu não trato disso na minha tese não... mito de origem é que uma mulher, ela foi eh... ... o homem expulsou ela de casa, não queria mais ela e... ela teve que se virar por conta própria e já que era uma boa cozinheira... ela foi num casamento e... então é uma mulher que foi expulsa de casa e se tornou quebra louça... uma oficiante do casamento... assim... bem resumido... mas até em Rondônia tem o pratinho lá, né... e até quando você entra no casamento você tem que colocar um pouco de dinheiro... 5 reais, 2 reais...

Entrevistador 1: convidado ou não?

Entrevistado 1: se você for no casamento você foi convidado... tem os penetras né... que antigamente eram presos... amarrados de baixo do... eu não sei se isso é verdade, isso é uma música... a pessoa que o penetra ele é amarrado debaixo do poleiro das galinha...

Entrevistador 1: ha-ha-ha

Entrevistado 1: mas então é uma canção, porque... desconvidado não é bem vindo... porque o penetra vai trazer problema

Entrevistador 1: teve um senhorzinho reclamando que hoje em dia, se ele não era convidado... não, antigamente, ele ficava do lado de lá da porteira, não era convidado não entrava na festa... e aí hoje ele tava reclamando que a pessoa vai lá, paga e entra na festa...

Entrevistado 1: porque você não tem como controlar... antigamente tinha como controlar que era poucas pessoas... hoje os jovens vão lá e pagam porque é um situação também... porque hoje em dia virou moda... eu acho que no começo eles falaram, 'oh, se você quiser entra você tem que pagar'... então o cara paga... o cara fica contente, ganhou cem reais, duzentos reais a mais... e virou moda, porque você não tem como controlar... porque se você falar 'você não entra' aí o cara entra na marra e aí você briga...

Entrevistador 1: e aí esse mesmo senhor tava falando que ele achava isso ruim, porque aí ele pagava menos do que o convidado... porque o convidado já deu a galinha, a manteiga, na ora do convidador ele já deu um trocado, ele gastou o tempo dele e aí vem alguém de fora e simplesmente paga e entra

Entrevistado 1: essas fitas aqui ele ganha em cada casamento... são dois irmãos

Entrevistador 1: como é que ele chama?

Entrevistado 1: (inint 1:02:46)pra cá depois...minha juventude toda foi em Laranja da Terra

Entrevistador 1: e em Rondônia...

Entrevistado 1: eu morei em Rondônia 10 anos e essas fotos são de lá... essas fotos antigas, porque, na verdade, eu morei dois anos lá trabalhando com os pomeranos e oito anos com os indígenas... (inint 1:03:24) a partir daqueles trabalhos que eu vim pra cá e pensei no dicionário pomerano e pensei na educação pomerana... então... o que eu to mostrando são ritos de passagem, na verdade... ces viram batismo, confirmação, casamento e depois morte... isso aqui é um casamento aqui... acho que já é 2004

Entrevistador 1: esses são os copeiros?

Entrevistado 1: isso eles tem uma... eles tem que fazer muito barulho... o barulho continuar no outro dia...

Entrevistador 1: e cada um com a sua, né?

Entrevistado 1: é... geralmente copeira, cozinheira tem que ter uma... uma toalinha... toalinha não usa... é só pra dizer 'sou copeiro'

Entrevistador 1: não é de enxugar a mão?

Entrevistado 1: pode enxugar, mas não é pra enxugar...

Entrevistador 1: e a roupa?

Entrevistado 1: tem uma roupa melhor... antigamente a roupa era mais (inint 1:04:45)... é essa roupa aí... é uma roupa mais... isso aqui é a dança da noiva... porque a... tem uma

hierarquia... por que os noivos começam como? dançando... o casal dança... depois o noivo e a noiva... a noiva com o pai dela e o noivo, né, ao contrário...

Entrevistador 1: e por exemplo na ausência de um?

Entrevistado 1: pega a tia... a avó... aí vai os depois dos contribuintes, os parentes próximos, aí vem as testemunhas... padrinhos e madrinhas... são pessoas muito próximas... ela que escolhe...vai escolhendo

Entrevistador 1: e em que momento que vira baile pra todo mundo?

Entrevistado 1: depois da dança dos noivos

Entrevistador 1: quando todo mundo já se apresentou pra dançar?

Entrevistado 1: isso

Entrevistador 1: ou ela que convida?

Entrevistado 1: ela vai convidando aos poucos e as copeiras... vão... 'já dançou com a noiva?' 'não? então vai dançar'... vai incentivando... pra não ficar com preguiça... esquece... pra incentivar... pra todo mundo dançar com a noiva...

Entrevistador 1: e onde fica? ou não existe mais? cachaça e cigarro? tem um copeiro específico segurando isso...

Entrevistado 1: não... quem quiser... talvez irmão da noiva... eu nunca vi (inint 1:06:48) ... exatamente... a cachaça, o gole, é pro rapaz, né... o cigarro também... hoje eles colocam não sei o quê... colocam outra coisa... porque o cigarro é mais... depende muito né... eles querem mudar, mas... modifica, né... mas... igual o vinho por suco de uva... mas tem que ser uva, não pode ser água, não pode ser caju, entendeu? eh... só muda pouca coisa... isso aqui é a dança da vassoura... isso é o seguinte: o casamento tem... são danças nupciais... você tem a dança dos noivos.. ce tem a dança das grinaldas, que quase mais não é feita... e a dança... na dança das grinalda é o momento em que eles de fato se despedem como solteiros... e viram casados de fato... e a dança da vassoura que é ao amanhecer... quem não tem par dança com a vassoura

Entrevistador 1: haja vassoura

Entrevistado 1: tem coisas que são da Europa com certeza... a dança da vassoura... isso aqui então... esse cemitério aqui foi na época de finados... cemitério é um lugar sagrado... da última morada, então cemitério é um lugar bem cuidado, não é um lugar qualquer...

Entrevistador 1: o dois de novembro, então, ele tem um... um momento especial pra todo mundo... não se trabalha...

Entrevistado 1: é, com certeza... é um dia que é feriado pomerano... (inint 1:08:48) que é dia dos mortos né... então é um dia que você vai ao cemitério... o pomerano ele não tem aquilo que... talvez vocês poderiam até pensar... o culto aos mortos, ele não tem... mas por outro lado ele tem um carinho especial... esse dia os cemitérios estão completamente floridos... e... no natal, muitos colocam até árvore de natal, pinheirinho na lápide... na sepultura...

Entrevistador 1: e aí tem, por exemplo, um, dois dias antes dos finados vai lava... enfeita... manda reformar...

Entrevistado 1: com certeza

Entrevistador 1: e aí será que a própria família ou será que é um terceiro que é pago pra ir lá?

Entrevistado 1: isso eu não posso falar... eu não sei... geralmente é a própria família... as pessoas não tem dinheiro... o pomerano não tem empregada doméstica... não tem essas coisas... agora, na cidade... cidade não é termômetro pra julgar a cultura pomerana... esse cemitério é exatamente o cemitério onde a gente pode ir hoje... essa é a última coisa... não sei, não se sabe mais nada... porque o pomerano não fala assim... antigamente era em alemão, porque a língua oficial da igreja era alemão... ou era português e era totalmente... eh... essas flores, esse motivos florais, eles são recorrentes no (inint 1:10:47)... ... ontem uma mulher de fora... uma professora... ela tava numa reunião e eu ouvi da boca dela que ela odeia quando fala pomerano...

Entrevistador 1: nossa!

Entrevistado 1: como é que julga, né? é a ideia da língua única... que no Brasil se fala apenas o português

Entrevistador 1: na verdade, nem o português não é falado em todo o Brasil do mesmo jeito, né... ..

Entrevistado 1: na verdade eu queria te mostrar assim alguma coisa das fotos que eu tenho do cemitério... tá no outro computador... eu nunca consigo colocar tudo aqui...

Entrevistador 1: eu costumo usar HD externo... ha-ha-ha

Entrevistado 1: tudo que tem aqui tá no outro... deixa eu só mostrar uma coisa aqui...

Entrevistador 1: acho que eu vou pegar um pouco de café...

Entrevistado 1: vamo lá... vamo lá, então

Entrevistador 1: dentro desse projeto, a gente tem um rapaz que é linguista... eu peguei ele porque ele tanto tem facilidade pra aprender as línguas, como ele conhece muito das línguas... então não tinha ninguém que fala pomerano pra entrar na situação... mas aí eu precisaria de algum elemento que ele pudesse... conseguir entender um pouco mais, estudar um pouco pomerano... ce teria alguma gramática? ou alguma coisa assim? que poderia ler e...

Entrevistado 1: objetivo do contato comigo: porque eu sou linguista... (inint 1:15:52)

Entrevistador 1: objetivo do contato com você: todas as pessoas que nós conversamos, mencionaram vocês... então não existe esse (inint 1:16:09) o IPHAN sempre vai procurar e, assim, você tá diretamente associado à ideia de cultura pomerana, você o nome... então todas as pessoas mencionaram você...então não tinha de jeito de não vir fazer esse trabalho sem conversar com você... aí no caso desse... é porque esse menino... ele vai me ajudar, porque a gente tem que fazer um relatório final (inint 1:16:38) fazer essa ponte entre a língua e a cultura e eu vou passar pra ele... porque eu vou dar um pouco de liberdade pra ele... porque assim.... tudo tem os nomes né... aí eu vou ver o que que ele consegue fazer e escrever... provavelmente ele vai te citar o tempo intero, porque não tem muito jeito... e ele vai fazer uma coisa resumida... ele vai escrever umas cinco, seis páginas... só que eu conheço ele e eu sei que ele vai querer sair desse projeto falando pomerano... ha-ha-ha então por isso que eu to te perguntando se tem alguma coisa... porque ele é autodidata... ele gosta das coisas desse jeito

Entrevistado 1: mas ele mora onde?

Entrevistador 1: eu não trouxe ele.. aí eu vou ser muito sincera... porque ele é um mulato com cara de mau... que tem 1, 90, gordo e, ao contrário, da aparência dele de policial civil do mau... ele é a pessoa mais sensível do mundo... então se alguém falar qualquer coisa com ele... da cor da pele dele, que ele é esquisito... ele chora... entendeu? então ele não é um profissional de campo... por isso que eu não trouxe...

Entrevistado 1: o que que eu não to entendendo é o seguinte: ele trabalha pro IPHAN?

Entrevistador 1: Não, na verdade ele faz parte da equipe da Espaço Cultura... a minha empresa que venceu a licitação... na verdade, ele nem foi no IPHAN... porque quando teve a reunião que era pra ele ter ido ele tava ocupado com um outro contrato que ele tinha feito... falou que não ia poder...

Entrevistado 1: e qual é a tarefa dele?

Entrevistador 1: o IPHAN simplesmente definiu que precisava de alguém que fosse da área de letras e que tivesse alguma experiência em Linguística... então a gente tinha ele... só que como eu o conheço bem, eu tenho certeza que ele vai querer aprender o pomerano

Entrevistado 1: tudo que você precisar de língua pomerana, você pode ver comigo... você não vai agora fazer a coisa inversa... lá de BH pra aprender...

Entrevistador 1: não, mas não é isso... eu precisava de alguém pra poder... porque a gente tem que fazer um texto e esse texto tem que ter alguém e eu só tinha ele... na hora da licitação, eu não tinha outra pessoa... eu precisava de um profissional com certificado pra fazer o trabalho... então de certa forma ele se dispôs a aprender o que precisasse... como o IPHAN não se posicionou sobre o que exatamente ele queria, então ficou... na verdade é só... (inint 1:21:50) mas aí enfim... eu queria ver enfim... se já tem uma bibliografia...

Entrevistado 1: oh a única coisa que eu tenho... eu tenho arquivos que eu escrevi... mas não é exatamente da língua pomerana... nesse site aí tem vários artigos... uns arquivos é sobre educação, outros sobre bilinguismo... a gramática pomerana eu ainda não editei... não iz ainda... eu fiz no mestrado a gramática... a pesquisa da gramática pomerana, mas isso era pra um banca... não era a gramática vão dizer assim... didática.

Entrevistador 1: foi sua dissertação de mestrado?

Entrevistado 1: é, mas ela foi sobre a gramática pomerana

Entrevistador 1: porque quando fez sua tese com o dicionário o material de apoio ele era didático?

Entrevistado 1: é o material de apoio foi um livro de leitura...

Entrevistador 1: mas então longe de ser uma gramática?

Entrevistado 1: não, não é gramática... é uma coletânea de textos que foi feito ou por alguns pomeranos ou gravei e transcrevi (inin 1:24: 29) então saiu o dicionário e o livro de leitura junto... e foi usado na escola... só que parte daquela escrita, eu já reelaborei... como o português passou e foi uma... os acentos... uns caíram... e com o pomerano eu fiz a mesma coisa... então vamo fazer a segunda edição do dicionário... mas não sei quando vou fazer... quem vai pegar... (inin 1:25: 16) pegou isso e foi distribuído de graça... mas não paga dez anos de trabalho... (inin 1:25: 33) eu acho bom, mas por outro lado dicionário num é... dicionário é uma obra de fôlego... como edição já foi... como obra já foi 2006... no meu lattes eu não vou ganhar nada com isso... então ou eu ganho alguma coisa ou num faz...

Entrevistador 1: trabalhar de graça ninguém quer, né... de repente se você fazer por conta própria via lei de incentivo... aí ce ganha dinheiro... por exemplo Lei Rouanet... aí ce vai ver o valor do seu trabalho... vê o valor da impressão e tudo mais... ce vai colocar... revisão: quanto que vou receber por revisão x mil reais, quanto que eu vou receber pela elaboração x mil reais... aí ce vai colocando o valor... agora o que ce tem que ver se consegue o patrocínio... porque a lei Rouanet é só com patrocínio... se fizer o projeto direitinho a lei rouanet aprova... só tem que conseguir o patrocínio...

Entrevistado 1: eu fiz um projeto também de gravação CD com canções pomeranas ... com canções tradicionais... pra ser usado na escola mandei pra Brasília e eles só aprovavam um projeto de 100 mil... aí eu falei 'gente, não é isso que eu quero'... a metade dá... mas o grupo também vai cobrar... e depois pra gravar vai demorar um ano... então não sai nada porque eu não vou tirar do meu bolso pra pagar...

[1:29:45]

